

ILHA DE SANTA CATARINA RODEADA POR RÓTICOS

Ana Kelly Borba Da Silva-Brustolin¹

RESUMO: À luz da Teoria da Variação e Mudança e da Fonologia Autossegmental, pretendeu-se, neste estudo, investigar as marcas dialetais e sociais da língua falada na ilha de Santa Catarina (região leste do estado), destacando as diferentes realizações dos fonemas *róticos*. O *corpus* para a pesquisa constituiu-se de 4 entrevistas gravadas em estúdio com informantes do sexo masculino nascidos em Florianópolis. A categorização dos dados e a análise estatística foram feitas com a utilização do pacote VARBRUL. Os dados foram codificados de acordo com grupos de fatores (GF) lingüísticos e sociais. Fez-se análise qualitativa destes dados do ponto de vista fonológico, com abordagens sociolingüísticas. A análise qualitativa foi realizada por meio de representação arbórea. Dessa forma, pretendeu-se obter as variantes dos róticos no falar do *florianopolitano*.

Palavras-chave: róticos, variação lingüística, fonologia.

ABSTRACT: *In light of the Theory of Language Variation and Change and of Acoustic Phonetics, it is intended, in this study, to investigate dialectal and social marks of the speech of Ilha de Santa Catarina (eastern region of this state), highlighting different forms of speaking the rhotic phonemes. The corpus used in this piece of research is constituted by interviews recorded in studio with male informants born in Florianópolis. The categorization of data and statistical analysis will be carried out with the utilization of VARBRUL program. The data will be codified according to groups of linguistic and social factors (GF). The qualitative analysis of these data will be done representation tree. Thus, the aim is to obtain variants of the rhotics in the speech of the florianopolitano.*

Keywords: *rhotics; linguistic variation, phonology.*

1 Introdução

Alguns estudos têm atestado, no Português do Brasil (doravante PB), uma série de variações em final de sílaba, dentre elas a variação nos róticos, como apontam os estudos de Votre (1978); Callou, Moraes e Leite (1996); Monaretto (1997); Monguilhott (1998) e Monaretto (2002) e outros.

¹ Licenciada em Letras – Língua e Literatura Portuguesas (UFSC/2005) e Mestre em Sociolingüística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/2009). Atualmente, professora substituta de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e no curso técnico de biblioteconomia (CPAE).
Endereço eletrônico: anakellybrustolin@gmail.com.

Este estudo compreende somente a língua falada, definida por Tarallo (2004) como o veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social e versa sobre as características fonético-acústicas dos róticos produzidos por falantes nativos de Florianópolis – ilha e capital de Santa Catarina – cidade que possui cerca de 369.102 habitantes e de colonização açoriana. Pretendo, deste modo, fazer uma descrição acústica dos róticos do português brasileiro que aparecerem nos dados coletados. Para tanto, utilizei um *corpus* com dados de fala espontânea gravado em um estúdio, para evitar a captação de ruídos. O *corpus* não foi gravado, em especial, para esta pesquisa, uma vez que já que fora usado para a *caracterização acústica do sistema vocálico tônico oral florianopolitano: alguns indícios de mudança*² e, neste momento, foi-me cedido para realizar a análise referente aos róticos. Por meio deste, tenciono observar as marcas dialetais e sociais da língua falada na ilha de Santa Catarina (região sul do estado), destacando as diferentes realizações dos fonemas róticos, ou seja, da pronúncia dos “erres”. Apresenta-se como objetivo específico:

- ✓ verificar as relações sócio-dialetais existentes no uso dos róticos na língua falada em Florianópolis – suas marcas fonéticas, diatópicas (regionais) e diastráticas (sociais) que o distinguem de outros falares catarinenses e regionais.

1.1 Metodologia³

No que se refere aos aspectos da sociolingüística variacionista, por ser minha linha de pesquisa, resolvi, a partir da Teoria da Variação e Mudança e da Fonologia, investigar o fenômeno das variantes do erre e refletir sobre esta questão.

A seleção dos informantes levou em consideração critérios como:

- (1) ser filho de nativos da Ilha de Florianópolis;
- (2) ter nascido e residido na Ilha de Florianópolis até os 14 anos, aceitando-se que, após essa idade, o informante possa ter vivido fora da localidade;

² PEREIRA, Ana Luzia Dias. (2001) *Caracterização acústica do sistema vocálico tônico oral florianopolitano: alguns indícios de mudança*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Santa Catarina, UFSC.

³ Esse artigo foi elaborado para a disciplina Fonologia I, ministrada pela professora Dr^a Teresinha de Moraes Brenner, do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

(3) que os informantes tivessem grau de escolaridade e faixa etária distintas,

Com as entrevistas objetivava-se obter uma redução no nível de formalidade durante a coleta de dados de fala. Para tanto, definiu-se que elas deveriam ser realizadas de maneira descontraída e que apresentassem perguntas, principalmente, sobre a vida do informante. Fatos da infância, de sua adolescência, época de estudante, família e outros assuntos que levassem ao aparecimento do vernáculo. Pelo fato de os dados analisados serem de fala semi-espontânea⁴, não houve, por parte dos informantes, a leitura de palavras, sentenças e, posteriormente, uma fala sobre algum momento de sua vida, deste modo citarei na análise dos resultados, à medida que apresentar os dados de determinadas variantes do erre, a posição em aparecem na entrevista oral: final de palavra, final de sentença e interior de frase e/ou palavra. Além disso, durante as exposições dos resultados, também será mencionado se a variante analisada faz parte de um verbo, nome e outros.

Cada entrevista durou aproximadamente 40 minutos. Às vezes, os informantes desejavam continuar contando seus “causos”. Nesse sentido, há quatro gravações com cada um dos informantes relatando suas histórias de vida. A entrevistadora conduz as entrevistas, seguindo um roteiro de perguntas, porém a medida que o informante conta sua história de vida ela pode o interromper e fazer uma pergunta a partir do que ele está relatando. Dentre elas perguntas como: Como foi a sua infância? Tu lembras de algum fato que tenha marcado a sua infância? Ou alguma brincadeira? Um fato triste ou feliz? Onde tu estudavas? Tu terminaste o segundo grau e já ingressaste na Universidade? (no caso de quem tem nível superior) Qual o curso? O que tu achas do troféu manézinho da ilha? O que tu acha que é um manézinho da Ilha? Tu achas que Florianópolis mudou muito desde o tempo em que tu eras criança?⁵. Seguimos um critério para classificar cada um dos informantes a fim de preservar sua identidade. Cada um dos quatro informantes será citado por uma letra respectivamente “A, B, C, D” no lugar do seu nome verdadeiro.

⁴ Os dados analisados são os que apareceram na entrevista oral.

⁵ As perguntas iam sendo, muitas vezes, improvisadas no momento da entrevista, porque surgiam dúvidas, momentos de espanto “Oh!” “Nossa!”, descontração, dentre outros.

Quanto à dimensão diatópica, este artigo delimitou a região metropolitana do distrito de Florianópolis (espaço geográfico da ilha), entrevistando informantes de áreas urbanas e rurais. A inclusão das áreas rurais seguiu os preceitos geolingüísticos (cf. Altenhofen, 2002; Margotti, 2004) de que no meio rural se encontra a fala mais conservadora.

Quanto à dimensão diastrática, foram escolhidos dois níveis de escolaridade: séries iniciais do Ensino Fundamental/primário (1ª a 4ª série) categorizadas como “i” e ensino superior categorizadas como “s”. O recorte desses níveis de escolaridade teve por finalidade analisar graus de escolaridade polarizados. Quanto à dimensão diafásica, priorizaram-se conversas, relatos de cunho pessoal e social.

As hipóteses testadas foram:

(i) Em relação ao contexto lingüístico, a posição de coda silábica exibe realizações díspares dos róticos na fala dos florianopolitanos;

(ii) Há tendência de apagamento do erre em contexto final absoluto⁶ de palavras como “mar” nos mais jovens.

2 Revisão Bibliográfica

Com o advento da Sociolingüística nos anos 60, multiplicaram-se nas universidades brasileiras estudos sociolingüísticos locais, regionais e nacionais que resultaram em um conhecimento mais diversificado da realidade lingüística do PB. Dentre esses estudos, observam-se algumas pesquisas sobre os diferentes processos de realização das variantes do erre no PB. O objeto de estudo em questão (fonema erre /r/) apresenta uma grande variação em nossa língua, oferecendo-nos um número relevante de variantes. As diferenças na pronúncia dos “erres” têm muitas explicações. Variedades geográficas, etária, socioeconômica e outras – importantes para as pesquisas sociolingüísticas – contribuem para que coexistam variações de pronúncia, sendo que a pronúncia desses fonemas é variada não só entre as diferentes línguas que há no mundo,

⁶ Na presente pesquisa não analiso, especificamente, no grupo dos fatores lingüísticos, a variável “classe de palavras”, por essa razão abordo, de maneira geral, os contextos em que o erre aparece em final de vocábulo, seja em verbo, substantivo, e outros.

mas também dentro de uma mesma língua. O PB é uma das línguas que se caracteriza por uma grande diversidade de erres, constatada tanto em posição de início [ʊη□δ□], [ʊΞ□δ□], quanto em final de sílaba, como em [φαυλα}, [φαυλαη], [φαυλαP], [φαυλαO]. A sílaba que sucede mais freqüentemente nas línguas do mundo é a sílaba aberta (CV), designada “sílaba canônica”, que tem uma consoante em ataque e uma vogal como núcleo da rima. Contudo, diversas línguas, dentre elas o PB, possuem sílabas que integram à direita do núcleo silábico, outro constituinte: a coda. Sabe-se, que em relação às variantes de erres, das várias posições nas quais podem suceder, é na posição “final de sílaba” que acontece a maior variação. De acordo com a literatura da área, tem-se em Português um *r* simples e um *r* múltiplo⁷.

O *r* múltiplo é o mais freqüente na posição posvocálica no Brasil. Segundo Bisol (1999), são múltiplas as variantes para o (r) posvocálico: vibrante [r], fricativa velar [x], uvular [R], aspirada [h], vibrante simples [P], ou um som retroflexo [ʃ]. Na linha de Câmara (1995), apenas quatro consoantes podem realizar-se em posição posvocálica no PB. Entre os fonemas prováveis de suceder nessa posição está a variável [r] para ele. Conforme o autor há duas realizações vibrantes para o [r]: uma fraca e uma forte, que é responsável pela oposição entre esses fonemas na posição intervocálica, como em [‘karu] e [‘kahu]. Diz, também, que o (r) demonstra comportamentos variados em posição posvocálica:

Já nas vibrantes a língua vibra, quer num só golpe junto aos dentes superiores, para o /r’/ brando, quer para o /r/ forte em golpes múltiplos junto aos dentes superiores, ou em vibrações da parte dorsal junto ao véu palatino, ou em vez da língua há a vibração da úvula, ou se dá além do fundo da boca propriamente dita uma fricção. (Câmara, 1995, 49).

Neste estudo averiguarei apenas a posição em final de sílaba. Vários estudos acerca da variação nos róticos já foram realizados, dentre os quais destaco alguns.

Votre (1978) observa o desaparecimento da vibrante em posição de coda na fala de alfabetizando da área urbana do Rio de Janeiro, usando alguns universitários como grupo de

⁷ Não entrarei no mérito da questão, visto que o foco deste trabalho é outro. Consultar referências: BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRZS, 1999. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

controle. Ele constata que a preservação da vibrante está relacionada a fatores lingüísticos e sociais. No meio de todos os fatores controlados, a variável classe morfológica apontou-se mais relevante, os infinitivos comandaram a queda do /r/ em oposição aos subjuntivos e nomes (substantivos e adjetivos). No que tange aos fatores sociais, a variável escolaridade mostrou os resultados mais polarizados: os universitários tendendo à preservação da vibrante e os alfabetizando à queda do segmento.

Em seu trabalho sobre a pronúncia do /r/ em coda silábica no PB, Callou, Moraes e Leite (1996) trataram da delimitação da distribuição das variantes de /r/ em posição posvocálica das áreas dialetais das cidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Além disso, objetivaram observar indícios de mudança através de informantes de diferentes faixas etárias, e diferenças em termos de gênero, feminino e masculino (Callou, Moraes e Leite, 1996, p. 466). Segundo Callou, Moraes e Leite (1996, p. 465) *o fonema /r/ apresenta, em posição de coda silábica, um elevado grau de polimorfismo, prestando-se, exemplarmente, à caracterização da variação no português do Brasil*. Das 4.334 ocorrências os resultados globais mostram que o índice de apagamento representa 37% para a posição final de palavra contra 3% para a posição interna. Em relação à fricativa velar, a posição interna é de 31% contra 11% em posição final. Para a fricativa laríngea, a posição interna corresponde a 18% em contraposição a 8% em posição final. Esses resultados estão distribuídos com relação ao uso dos róticos: o uso da vibrante alveolar (vibrantes apicais) é mais forte em Porto Alegre e São Paulo; o da fricativa velar mais forte em Salvador e no Rio de Janeiro; e o da aspirada (fricativa laríngea) em Recife. Os dados coletados foram selecionados seguindo os grupos de fatores: tipo do /r/, posição no vocábulo, tonicidade da sílaba em que se encontra o segmento, tonicidade do vocábulo na cadeia fônica, dimensão do vocábulo, vogal antecedente, ponto e modo de articulação do segmento subsequente, classe gramatical, faixa etária, região e gênero. Para os autores, Porto Alegre e São Paulo corresponderiam ao início do processo de mudança, Salvador e Rio de Janeiro estariam em estágio intermediário e Recife já estaria em um nível mais avançado.

Monaretto (1997) insere-se na perspectiva da fonologia não-linear, mais especificamente na Teoria Autossegmental e Métrica. Suas interpretações básicas fundamentam-se na Geometria

dos Traços (CLEMENTS, HUME, 1995) e no Ciclo de Sonoridade (Sonority Cycle, CLEMENTS, 1990). A autora faz uso dos dados do status fonológico dos róticos no PB que foram extraídos do Banco de Dados do Projeto VARSUL, onde foram utilizadas as entrevistas de 12 informantes de três cidades selecionadas: Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS). Monaretto analisa quatro variantes de róticos:

1) a vibrante alveolar [r]; 2) a “vibrante posterior”, como é chamada pela autora; 3) o tepe [P]; 4) a retroflexa (não especificada, podendo ser [©] ou [}]).

Para realização de análise quantitativa, a autora controla a variável lingüística que exerce a maior influência no comportamento dos róticos: a “posição na sílaba”, conforme os cinco fatores: (i) ataque, em início de palavra, (ii) ataque, no interior de palavra, precedido por consoante, (iii) entre vogais, (iv) na coda, no interior de palavra e (v) na coda, em final de palavra.

A variável extralingüística “grupo geográfico” (ou a etnia, como Monaretto ainda a designa) é tida como a de maior atuação, cujos fatores são Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, as cidades analisadas na amostra.

Como um dos principais resultados, a autora aponta para um processo de substituição de uma variante pela outra (fazendo referência ao tepe alveolar *versus* as outras formas fonéticas) em todos os contextos da sílaba, com exceção do contexto “grupo consonantal”, no qual se realiza sempre o tepe. Partindo disso, Monaretto (1997) argumenta a favor do tepe como forma subjacente no sistema fonêmico, visto que este proporciona a distribuição mais ampla e é a forma mais usada nos seus dados. Além disso, em caso de palavras com -r final + vogal inicial (mar_azul – exemplo que a autora traz de Lopez (1979)), o rótico é realizado como tepe [P].

Dessa forma, isolando a posição posvocálica, ressalta que o apagamento em posição final é mais forte do que em posição medial, o que ratifica os resultados encontrados por Callou et al. Confrontando as falas do Sul do Brasil com as do Rio de Janeiro, Monaretto alega que a fala do Sul pode diferenciar-se por duas variantes: o tepe e a vibrante alveolar.

Monguilhott (1998) observou 720 ocorrências controlando fatores lingüísticos e extralingüísticos, verificando assim, de maneira geral, que os falantes de Florianópolis tendem a

usar a fricativa (93%) enquanto os informantes de Lages (86%), Blumenau (71%) e Chapecó (70%) privilegiam o uso da variante tepe. O objetivo da autora foi o de analisar as variantes (tepe, fricativas velar e glotal e retroflexa) e constatar quais delas sobressaíam entre os falantes das diversas etnias das referidas cidades catarinenses integrantes do Banco de Dados Varsul. Dentre todas as etnias estudadas, a variante retroflexa, foi a mais utilizada na fala dos informantes de Chapecó (29%) contra 0% em Florianópolis, 8% em Chapecó e 13% em Lages.

Por fim, dentre os estudos que retomamos, Monaretto (2002) pesquisa o /r/ em final de sílaba em três amostras de fala de Porto Alegre coletadas em períodos distintos (Nurc, 1970; Varsul, 1989; Varsul ampliada, 1999). Destarte, a autora registrou uma série de ocorrências revisitando resultados de estudos anteriores (1992, 1997, 2000): predominância do tepe na fala na posição de coda dos informantes da capital gaúcha (60%), alto índice de apagamento (25%) e, também, pouca recorrência das variantes fricativa velar (1%), vibrante alveolar (9%) e retroflexa (5%).

Em seus resultados, Monaretto (2002) alegou que, em meio às variantes da vibrante da fala de Porto Alegre avaliadas anteriormente em seus estudos, duas mostraram mudança entre 1970 e final da década de 1990: o uso da variante tepe diminuiu, à medida que o apagamento do /r/ aumentou. Deste modo, a autora conclui que a variante tepe característica da fala porto alegre em posição posvocálica, vem sendo suprida pelo apagamento da vibrante, variante peculiar de outras regiões do país.

3 Fonologia não-linear

Segundo Monaretto; Quednau & Da Hora (1996, p. 210) “as unidades básicas para representações fonológicas têm sido concebidas, desde Troubetzkoy e Jakobson até a teoria gerativa, em termos de *traços*.” O conceito de feixe de traços distintivos foi introduzido pela primeira vez por Bloomfield na década de 1930, e, em seguida, desenvolvido por Noam Chomsky. A matriz de traços de SPE é temporal e bidimensional: fonema – coluna, traço – linha, mas não é hierárquica. Com o intuito de representar a hierarquia entre os traços de um segmento, bem como a manipulação desses traços, abrangendo os fenômenos fonético-fonológicos,

Clements (1985, 1989a, 1991) propõe uma Teoria de Geometria de Traços (*Feature Geometry*). *Traços* “são membros de um conjunto de categorias que formam os sons da fala ou os segmentos fonológicos da língua”. (MONARETTO; QUEDNAU & DA HORA, *In: BISOL*, 1996, p. 200). A designação se deve ao fato de os traços fonológicos serem organizados em níveis, remetendo aos modelos de geometria. O modelo da Geometria de Traços sugerido por Clements tem uma organização hierarquizada não-linear para esses traços que, por sua vez, apresentam uma segmentação própria, não necessitando ser idêntica para todos eles. (CAGLIARI, 1998)

A Fonologia Autossegmental propõe que os traços sejam unidades independentes, organizados em classes superordenadas e estes devem ser dispostos em “unidades funcionais expressas *nós de classe*, denominada *geometria de traços*,” segundo Clements (1985, 1989a, 1991). (MONARETTO; QUEDNAU & DA HORA, *In: BISOL*, 1996, p. 211). Assim, os traços (i) podem desdobrar-se além ou aquém de um segmento e (ii) o apagamento de um segmento não sugere necessariamente a dissipação de todos os traços que o constituem. (HERNANDORENA, *In: BISOL*, 1996, p. 46).

A Fonologia Autossegmental aborda que o segmento apresenta uma estrutura interna, ou seja, que há uma hierarquização entre os traços que formam determinado segmento da língua. Nessa linha, a partir do reconhecimento de uma hierarquia entre os traços, passou-se a analisar os segmentos em camadas, logo, permitiu-se “a segmentação independente de partes dos sons das línguas.” (HERNANDORENA, *In: BISOL*, 1996, p. 45).

A geometria de traços fonológicos adotada por Clements (1985, 1991) diz que os traços que compõem os segmentos que estão no mesmo morfema são adjacentes e constituem uma representação tridimensional que permite distinguir *tiers*. Conforme Hernandorena (*In: BISOL*, 1996, p. 47) a Geometria de Traços tem como objetivo “representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos e o fato de que os traços podem ser tanto manipulados isoladamente como em conjuntos solidários.”

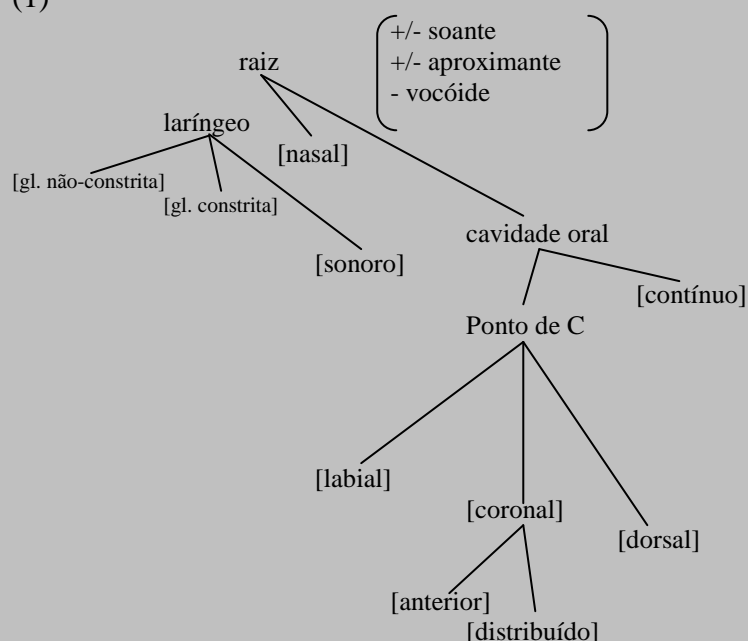
Nessa geometria – cuja última versão aparece em Clements e Hume (1995) –, os segmentos são representados com uma organização interna a qual se mostra através de configurações de *nós hierarquicamente ordenados*, em que os *nós terminais* são traços

fonológicos e os *nós intermediários*, classes de traços. (HERNANDORENA, *In*: BISOL, 1996, p. 47)

O princípio que rege a Geometria de Traços é que apenas conjuntos de traços que possuam um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas. (HERNANDORENA, *In*: BISOL, 1996, p. 49)

Para Clements e Humes (1995, p. 292) a representação da organização hierárquica de consoantes é representada da seguinte maneira:

(1)



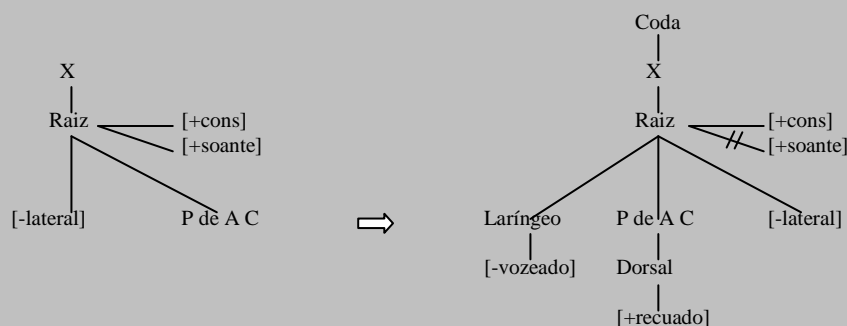
De acordo com Hernandorena (*In*: BISOL, 1996, p. 51) a estrutura arbórea possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos que acontecem nas línguas do mundo, atendendo ao princípio de que as regras fonológicas constituem uma única operação. Por conseguinte, a estrutura apresenta, sob o mesmo nó de classe, traços que funcionam solidariamente em processos fonológicos. Portanto, os nós têm razão de existir quando há comprovação de que os traços que estão sob o domínio funcionam como uma unidade em regras fonológicas.

Além de trabalhar com os traços fonológicos de maneira independente, a Fonologia de Geometria de Traços (FGT) os organiza em *tiers* ou níveis hierarquizados por meio de linhas de associação. Segundo Hernandorena (*In: BISOL, 1996, p. 61-63*) a partir da nova formalização, é possível assinalar três tipos de segmentos: (i) segmentos simples: apresenta apenas um nó de raiz e é caracterizado por, no máximo, um traço de articulação oral; (ii) segmentos complexos: apresenta um nó de raiz caracterizado por, no mínimo, dois traços diferentes de articulação oral, ou seja, quando o segmento apresenta duas ou mais constrições no trato oral e (iii) segmentos de contorno: contém seqüências (ou “contornos”) de diferentes traços.

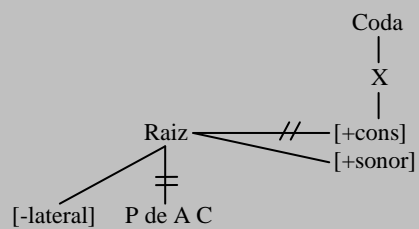
Na linha de hierarquização dos traços, as linhas de associação ligam nós até chegar a um traço terminal. Há somente um nó inicial denominado *raiz*, um nó de articulação consonantal (*c-place*) e um lugar de articulação vocálico (*v-place*). O esquema autossegmental da FGT necessita simplesmente de nós e traços com as marcas respectivas de valência (+ ou -) para a descrição de uma língua. De acordo com a FGT, a sílaba é a unidade sobre a qual o sistema fonológico se organiza, é, portanto, o centro das representações fonológicas que consistem de um número de níveis independentes ligados uns aos outros. Já o modelo proposto por Clements concebe a sílaba estabelecendo princípios universais e regras específicas que governam a estrutura silábica. A sílaba apresenta, então, uma estrutura de três níveis: *syllable tier*, *skeleton* ou *CV-tier*, em que os elementos C (*onset* ou margem da sílaba) e V (núcleo da sílaba) dominam os segmentos consonantal e vogal; e *segmental tier*, que exhibe a representação fonética dos segmentos.

Na linha de Mira Mateus e Rodrigues (*In: DA HORA E COLLISCHONN, 2003, p. 186-188*) temos as seguintes regras para a fricativa velar não vozeada, aspiração e apagamento:

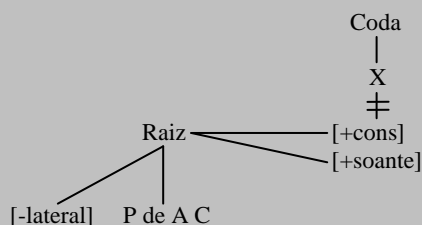
(2) *Regra de coda* /P/ → [x] (PB – fricativa velar não vozeada)



(3) *Regra de coda* /P/ → [h] (PB – aspiração)



(4) *Regra de coda* /P/ → [O] (PB – realização zero)



Existem ainda mais duas variantes da vibrante em português do Brasil, referenciadas por Callou & Leite (1990): a realização de /P/ como aspiração, [ŋ], e a sua supressão (realização zero). Uma e outra resultam da desassociação de alguns traços que identificam a consoante: [ŋ] envolve o corte do traço consonântico e, em consequência, o corte do nó do Ponto de Articulação da Consoante (uma aspiração é uma soante mas não é uma consoante); a realização zero implica que a raiz seja desassociada não havendo, portanto, qualquer realização fonética. (MIRA MATEUS & RODRIGUES, *In: DA HORA*; COLLISCHONN, 2003, p. 187)

4 Constituição do *corpus* e grupos de fatores

Os dados utilizados para esta análise derivam de quatro entrevistas (gravadas em CD) realizadas em um estúdio na cidade de Florianópolis/SC. Os quatro informantes do sexo masculino são naturais e residentes na cidade de Florianópolis. São eles: **A**: 64 anos, grau de escolaridade: primário; **B**: 76 anos, grau de escolaridade: superior completo; **C**: 30 anos, escolaridade: primária; **D**: 34 anos, grau de escolaridade: superior completo.

A categorização dos dados e a análise estatística foram feitas com a utilização do pacote VARBRUL e os dados codificados de acordo com grupos de fatores (GF) lingüísticos e sociais. Assim, tem-se:

Variáveis dependentes – *Róticos*:

- 0 – apagamento da variante – [O]
- r - tepe alveolar (ou simples) – [r]
- X - fricativa velar – [X] –[ɣ]
- h - fricativa glotal – [h], [ɦ]

Grupo de fatores lingüísticos

Posição:

- Posição intervocálica: palavras diferentes – (fazer um bolo) = v; Final de sílaba interna (porta) = i; Final de palavra seguida de consoante (dançar forró) = p; Final absoluto (mar) = f

Tonicidade:

- Erre tônico = t; Erre átono = a

Número de sílabas:

- Oxítona = o; Paroxítona = p; Proparoxítona = r

Ponto de articulação: (Consoante seguinte)

• Bilabial = b; Labiodental = l; Alveolar = a; Palato-alveolar = p; Palatal = t; Velar = v; Uvular = u; Glotal = g; Vogal = o; Final absoluto = 1

Modo de Articulação (Consoante seguinte)

• Oclusiva/plosiva = p; Fricativa = f; Nasal = n; Vibrante = v; Batida = b; Lateral = l; Vogal = o; Final absoluto = 1

Vogal anterior:

/α/ = 1; /E/ = 2; /ε/ = 3; /υ/ = 4; /□/ = 5; /o/ = 6; /υ/ = 7

Grupo de fatores sociais

Escolaridade:

• Fundamental – séries iniciais = i; Ensino Superior = s

Faixa etária:

• (15 – 40) = 4; (41 – 70) = 7; (acima de 70) = 8

Far-se-á a análise qualitativa destes dados do ponto de vista fonológico, com abordagens sociolinguísticas. A análise qualitativa será realizada por meio de representações arbóreas. Dessa forma, pretende-se obter as variantes dos róticos no falar do “manezês⁸”, traçando-se o perfil sócio-dialetal do falar de Florianópolis.

5 Apresentação dos resultados

Na amostra analisada, há uma evidente variação do fonema /r/ na fala dos informantes de Florianópolis. Esta variação foi observada sob o ponto de vista da análise auditiva resultando nas seguintes variantes: tepe alveolar [P], fricativa glotal [h], fricativa velar [X] e apagamento [O]. As fricativas variam conforme o grau de vozeamento (desvozeadas e vozeadas) em função do ambiente em que acontecem.

⁸ Manezês (ou falar ilhéu ou falar mané ou falar manezinho ou sotaque manezinho ou sotaque açoriano ou sotaque ilhéu) é como é chamado o falar do nativo de Florianópolis, capital de Santa Catarina, Brasil. O manezês também é ouvido nos municípios vizinhos à Capital embora com uma ou outra particularidade. Este falar é fruto da união do português dos açorianos e, em menor número, madeirenses que chegaram no Século XVIII com o português já meio "indigenizado" dos vicentistas e santistas, paulistas que já habitavam a Ilha de Santa Catarina, onde se situa a capital. Indígenas, africanos e, quem sabe, até náufragos também contribuíram para a sua formação. Visto que Florianópolis (antiga Nossa Senhora do Desterro) era uma cidade portuária, algumas expressões de outras regiões do país foram adotadas com o tempo também. O manezês não é um falar uniforme e possui variações de acordo com a comunidade e a geração do falante. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Manez%C3%AAAs> acesso em 7/12/2007 às 17h).

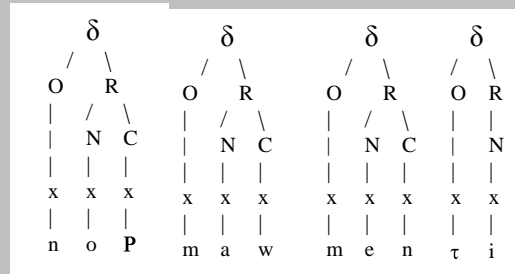


Figura 1: Representação a partir da Fonologia Autosegmental assinalando um tepe na palavra normalmente [voPμαωυμεντι] (pronúncia do Informante B/Florianópolis-SC)

A representação acima retrata um tepe na palavra “normalmente”. O vocábulo foi pronunciado pelo informante B durante a conversa com a pesquisadora e se encontra na sentença “Eu ficava ganhando os vencimento que ganhava **normalmente** (*pausa*) e tinha uma diária pro ano inteiro né?”. (6:29)

Os tepes são sons produzidos por apenas uma batida de um articulador (a ponta da língua ou a úvula) no outro (alvéolos, dorso da língua). No que diz respeito à produção desta consoante [P], a ponta (lâmina) da língua é elevada horizontalmente e bate na região alveolar. Os tepes são designados ainda, como vibrantes simples, por serem produzidos a partir de uma só batida em um articulador, em contraposição à vibrante múltipla que é produzida a partir de muitas batidas. Segundo Ladefoged & Maddieson (1996, p. 231) “a tap is a sound in which a brief contact between the articulators is made by moving the active articulator directly towards the roof of the mouth.” E também, nas palavras dos autores, Ladefoged & Maddieson (1996, p. 231), os tepes “are most typically made by a direct movement of the tongue tip to a contact location in the dental or alveolar region. A tap, usually describe as dental, occurs in intervocalic position in most varieties of Spanish in words such as **καπο** ‘expensive’.”

A seguir, tem-se representação da produção de uma fricativa glotal:

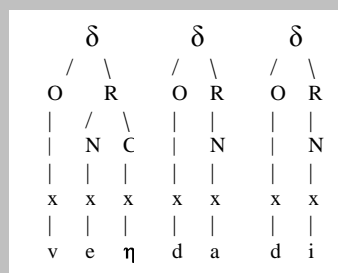


Figura 2: Representação a partir da Fonologia Autosegmental assinalando uma fricativa glotal na palavra verdade [ωεηυδαδι] (pronúncia do Informante C/Florianópolis-SC)

A representação supracitada traz a palavra “verdade” que foi pronunciada pelo informante C durante a conversa com a pesquisadora e se encontra na sentença “Dizem não sei se é **verdade** ou se é mentira (5:10)”.

Sons produzidos com uma estreita aproximação de dois articuladores, a qual provoca um ruído ou fricção na passagem da corrente de ar são denominados fricativos (Ladefoged, 1996, p. 46). Assim, o som fricativo é determinado por meio do efeito da turbulência das cordas vocais ao exercerem uma pressão em um ponto forçando a passagem do ar por uma pequena passagem.

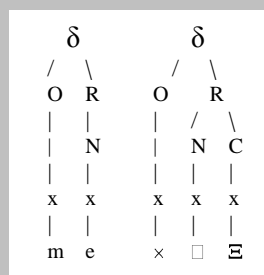


Figura 3: Representação a partir da Fonologia Autossegmental assinalando uma fricativa velar na palavra melhor [μɛ∪x□ξ] (pronúncia do Informante D/Florianópolis-SC)

A representação acima traz a palavra “melhor” que foi dita pelo informante D durante a conversa com a pesquisadora e se encontra na sentença “A minha infância pra mim foi a **melhor** impossível”.

De acordo com Kent e Read (1992, p. 121), o principal traço articulatório de uma fricativa é a formação de uma constrição estreita em um dado ponto do trato vocal. Quando o ar passa através dessa constrição, numa quantidade de fluxo suficiente, há a formação de uma turbulência, o que significa que o movimento da partícula da corrente de ar torna-se altamente complexo, formando pequenos redemoinhos na região constrita. Os sons velares são produzidos pela constrição entre o corpo da língua e o palato mole.

A análise apresentada neste artigo baseia-se no pressuposto teórico de que a variação lingüística é inerente ao sistema, conforme postulado no modelo variacionista laboviano (cf. WEINREICH; LABOV & HERZOG, 1968). O foco do estudo são as variações nos róticos quanto à estrutura silábica com o (r) em coda – CVC/CV(r), que se realiza variavelmente na cidade de Florianópolis. O que se observou no presente estudo foi um elevado índice de apagamento da variante [O], em especial, na posição final de sílaba de itens verbais e nominais, mas alguns casos também na posição de sílaba interna, como, por exemplo, em fala[h] falaØ,

ato[h] atoØ, ve[h]dade veØdade. Vários trabalhos foram realizados no final da década de 1970, usando o modelo variacionista clássico de Labov (1972), e analisaram essa estrutura de caráter variável, dentre os quais, Votre (1978) foi o pioneiro no estudo de róticos no Brasil, estudando variante vibrante em posição final de palavra na fala de alfabetizados e universitários do Rio de Janeiro; Oliveira (1983) estudando a fala de habitantes em Belo Horizonte, Callou (1987) em sua Tese de Doutorado observando o /r/ na fala urbana culta do Rio de Janeiro; Monaretto (2000; 2002) analisando o apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil (Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis) e a produção da vibrante pós-vocálica em Porto Alegre; Da Hora (2003), observando o enfraquecimento e apagamento dos róticos em João Pessoa – PB, dentre outros. A seguir, vê-se a representação da Fonologia Autossegmental ilustrando o apagamento da variante:

δ		δ		δ		δ	
/	\	/	\	/	\	/	\
O	R	O	R	O	R	O	R
	N		N C		N		N C
x	x	x	x x	x	x	x	x x
f	a	z	e	O	d	e	v
							O

Figura 4: Representação a partir da Fonologia Autossegmental assinalando o apagamento da variante em “fazer dever” [φαυζεΟδευεΟ] (pronúncia do Informante A/Florianópolis-SC)

A representação acima traz as palavras em negrito que são parte da sentença “Tinha que chegá em casa já tinha que **fazê devê** ficá em casa” (3:10) dita pelo informante A durante a conversa com a pesquisadora e denota o apagamento da variante nos verbos “fazer dever”.

Abaixo, segue outra representação da Fonologia Autossegmental exemplificando mais um apagamento da variante:

δ		δ		δ		δ	
/	\	/	\	/	\	/	\
O	R	O	R	O	R	O	R
	N		N		N		N C
x	x	x	x	x	x	x	x x
f	a	c	i	l	i	t	a
							O

Figura 6: Representação a partir da Fonologia Autossegmental assinalando o apagamento da variante em “facilitar” [φασιλιυταΟ] (pronúncia do Informante B/Florianópolis-SC)

Na representação supracitada tem-se o verbo destacado que integra a sentença “Eu levei a família porque (pausa) pra **facilitá**. Porque a minha senhora...” (7:04) que foi dita pelo

informante B durante a conversa com a pesquisadora e denota também o apagamento da variante no verbo “facilitar”.

A partir da transcrição dos dados, alcançou-se um total de 1118 ocorrências de róticos em posição de coda (medial e final de vocábulo). Desse total, 382 ocorrências são de fricativa glotal (34%), 14 de fricativa velar (1%), 195 da variante tepe (17%) e 527 de apagamento da variante (47%). Podemos observar os resultados gerais na tabela a seguir:

Tabela 1
Ocorrência de róticos em posição de coda (medial e final de sílaba)

POSIÇÃO	O	X	P	h	TOTAL
Final absoluto mar	93	2	9	7	111
%	84%	2%	8%	6%	
Final de sílaba interna porta	11	7	126	319	463
%	2%	2%	27%	69%	
Final de palavra seguida de consoante dançar forró	249	4	23	48	324
%	77%	1%	7%	15%	
Posição intervocálica: palavras diferentes fazer um bolo	174	1	37	8	220
%	79%	0%	17%	4%	
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	527	14	195	382	1118
Total (%)	47%	1%	17%	34%	

Notamos, a partir dos resultados gerais, que o apagamento da variante [O] (47%) é mais recorrente no presente estudo, seguido da fricativa glotal (34%) e do tepe (17%). Vale notar que, na posição final de sílaba interna, como em [ʊπ□ητ□], o percentual de apagamento da variante [O] é muito baixo em relação às outras posições, resultando em 2%, enquanto a fricativa glotal prevaleceu com 69%, comprovando assim, o que outros estudos, como o de Callou, Moraes e Leite (1996) já atestaram: que na posição de sílaba interna há pouca incidência de apagamento em contraposição com as demais posições. Entretanto nas demais posições (final absoluto, final de palavra seguida de consoante e intervocálica), como podemos constatar na tabela 1, o apagamento do rótico predomina com 84% na posição final absoluto; 77% em final de palavra seguida de consoante e 79% em posição intervocálica (palavras diferentes). Podemos ainda conferir esses resultados nas representações em (5), (6), (7) e (8):

- (5) dançar valsa > O (77%) (6) porta > [ʊπ□ητ□] (69%) (7) porta > [ʊπ□Pτ□] (27%) (8) mar > O (84%)

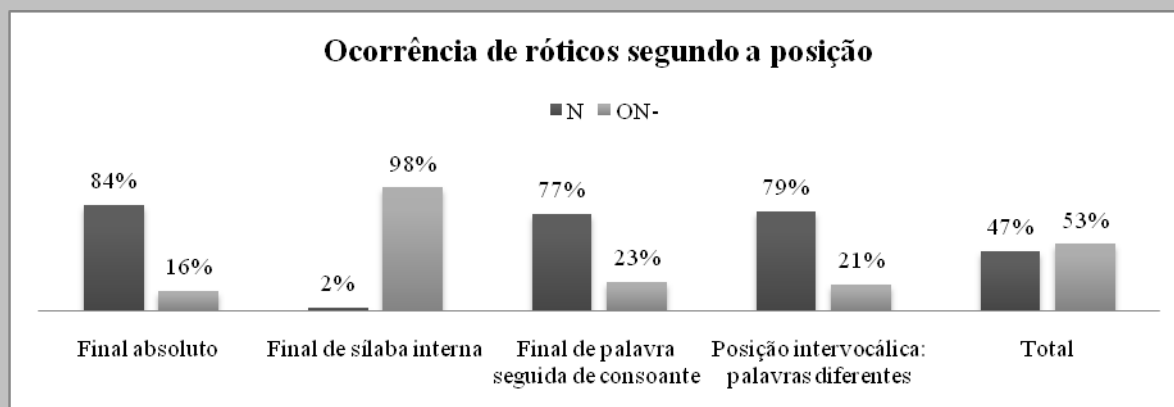
δ / \ O R / \ N C x x x d a n s a C	δ / \ O R / \ N C x x x v a w s a	δ / \ O R / \ N C x x x p □ η τ □	δ / \ O R / \ N C x x x p □ P τ □	δ / \ O R / \ N C x x x m α O
--	--	--	--	--

De posse desses resultados, pareceu-nos apropriado fazer também rodadas binárias, como na maioria das vezes se tem feito quando a análise em questão diz respeito ao /r/ em final de vocábulo, sobretudo quando seu apagamento se apresenta avançado, visto que essa ocorrência implica em um número restringido de outras variantes, ou de dados referentes a elas. Além do

mais, pelo fato de ocorrer uma pequena quantidade de dados de algumas das outras variantes os “KNOCKOUT” se evidenciaram. Decorremos, portanto, às rodadas binárias entre o zero fonético ou apagamento do rótico [O] e o não apagamento do rótico (demais variantes em estudo), fricativa glotal [h], tepe alveolar [P] e fricativa velar [X].

O gráfico a seguir, mostra a ocorrência das variantes de /r/ de acordo com a posição de coda (medial e final de vocábulo) contrastando entre o zero fonético ou apagamento da variante [O] e o não apagamento da variante [h], [P] e [X]. De maneira geral, 84% das ocorrências são de apagamento da variante contra 16% de não apagamento deste para a posição final absoluto de palavras. Em contrapartida na posição final de sílaba interna 2% representa o apagamento da variante contra 98% do seu preenchimento, como em [∪π□ητ□]. O total das ocorrências em percentuais corresponde a 47% para o apagamento da variante e a 53% para o seu preenchimento.

Figura 1



Supõe-se que é nos vocábulos cujos erres se mostram átonos em que ocorre menos a variável de apagamento [O]. Observamos na tabela 2, abaixo, que a suposição se confirma:

Tabela 2

Ocorrência de róticos quanto à tonicidade

TONICIDADE	O	X	P	h	TOTAL
Erre átono	12	4	89	224	329
%	4%	1%	27%	68%	
Erre tônico	515	10	106	158	789
%	65%	1%	13%	20%	
Total das ocorrências	527	14	195	382	1118
Total (%)	47%	1%	17%	34%	

Como se pode notar na tabela 2, em relação à tonicidade se verifica um favorecimento para o apagamento da variante [O] com 65% quando o erre é tônico contrastando com as demais variáveis. Todavia, nota-se ainda, que há predominância da fricativa glotal [ŋ] quando o erre é átono resultando em 68% contra 4% de apagamento. Esses resultados estão representados em (9) e (10).

(9) Erre átono [μαητΕλο] - (68%)

δ		δ		δ	
/	\	/	\	/	\
O	R	O	R	O	R
	N		N		N
x	x	x	x	x	x
m	a	η	τ	E	l
					o

(10) Erre tônico [φαλλαΟ] - (65%)

δ		δ	
/	\	/	\
O	R	O	R
	N		N
x	x	x	x
f	a	l	a
			O

Quanto ao número de sílabas, fizemos a seguinte distribuição: paroxítona, oxítona e proparoxítona, a fim de saber como se apresenta a incidência dos róticos em cada uma dessas.

Tabela 3
Ocorrência de róticos quanto ao número de sílabas

NÚMERO DE SÍLABAS	O	X	P	h	TOTAL
Paroxítona	6	5	84	205	300
%	2%	2%	28%	68%	
Oxítona	521	8	108	172	809
%	64%	1%	13%	21%	
Proparoxítona	0	1	3	5	9
%	0%	11%	33%	56%	
Total das ocorrências	527	14	195	382	1118
Total (%)	47%	1%	17%	34%	

Constata-se, com base nos percentuais acima (tabela 3), que as palavras paroxítonas e proparoxítonas tendem a desfavorecer a manutenção do apagamento da variante [O], enquanto que as palavras oxítonas a favorecem, fato que pode ser identificado na maior parte dos verbos: cantar, fazer, abrir, e outros. Monaretto (1997) ressalta que o apagamento em posição final é mais forte do que em posição medial, o que ratifica os resultados encontrados neste estudo e nos de Callou et al. No estudo de Votre (1978) lemos que já existiam manifestações do apagamento da variável erre em final de palavra durante o século XI nas peças de Gil Vicente e que é após o período do português arcaico que esse fenômeno de apagamento do erre em final de palavras se amplia para diferentes classes de palavras e estratos sociais, uma vez que antes era comum, principalmente nos infinitivos. Por isso, acredito que o percentual para as oxítonas tenha sido tão

relevante para a variável apagamento da variante [O], visto que não observou-se o grupo de fatores classe de palavras neste estudo. Ainda em relação ao número de sílabas a variável fricativa glotal [ɣ], bem como o tepe alveolar são mais recorrentes em palavras paroxítonas 68% e 28% respectivamente. Veja-se a representação relativa às palavras paroxítonas em (11).

(11) Paroxítona [h]: [⊔καητ⊔] - (68%)

	δ		δ	
	/	\	/	\
	O	R	O	R
		/		
		N	C	
	x	x	x	x
	κ	a	η	τ
				⊔

Através do estudo da variável ponto de articulação da consoante seguinte pretendeu-se conferir se, e de que maneira, a posição da língua da consoante seguinte, interfere na realização do rótico. Partiu-se da hipótese de que quanto mais posterior for esse elemento mais há possibilidade de haver o apagamento da variante. Os fatores deste grupo são: bilabial, labiodental, alveolar, palato-alveolar, palatal, velar, uvular, glotal, vogal e final absoluto. Temos respectivamente 43% de apagamento do rótico [O] para as labiodentais e bilabiais. As alveolares apresentam resultado elevado favorecendo a realização da fricativa glotal [η] com 66% e 34% para o rótico apagado [O]. Dentre as demais é em final absoluto de palavra e vogal que se verifica favorecimento do apagamento. As palatais localizam-se numa faixa próxima da neutralidade tal quais as glotais.

O modo de articulação da consoante seguinte foi estabelecido como um grupo de fatores, pois avaliávamos que o que iria interferir na realização das variantes de róticos seria, principalmente, o ponto de articulação. Contudo, durante a manipulação dos dados, conferimos que o modo de articulação de algumas consoantes parecia apresentar-se sistematizável e que o apagamento da variável rótico estava correlacionado a essa mudança de articulação. São fatores deste grupo: oclusiva/plosiva, fricativa, nasal, vibrante, batida, lateral, vogal e final absoluto.

Dentre as consoantes, os resultados apontam as oclusivas como favorecedora para a aplicação da regra de apagamento com 30% das 143 ocorrências, porém favorecedora, também, para a produção da variante fricativa glotal [η] com 49% das 235 ocorrências. Em relação à lateral e à vibrante, estas deram “KNOCKOUT” por apresentarem poucas ocorrências (por isso os percentuais delas foram tão díspares, favorecendo o apagamento da variante). Já as nasais apresentam resultados que as deixam com os mesmos percentuais tanto para a aplicação da regra de apagamento da variante [O] como para a aplicação da fricativa glotal [η] resultando em 41%, ou ainda, 71 ocorrências cada uma. E a vogal e final absoluto tendem para a aplicação da regra de apagamento da variante com percentuais elevados de 79% (171 ocorrências) e 83% (94

ocorrências) respectivamente. As fricativas tendem a aplicação da variante fricativa glotal [ŋ] com 52% (58 ocorrências).

Os resultados, de maneira geral, mostram um favorecimento da aplicação da regra de apagamento da variante [O] em todos os grupos. Todavia, após realizarmos as rodadas binárias os resultados, de certa forma, alteraram-se. Nas rodadas binárias compreendemos as variantes como apagada [O] e não-apagada, ou seja, preenchida pelas variantes que apareceram neste estudo: /ŋ/, /X/ e /P/.

Tabela 4
Ocorrência de róticos de acordo com modo de articulação da consoante seguinte

MODO DE ARTICULAÇÃO	O	Não- O	TOTAL
Final absoluto	94	19	113
%	83%	17%	
Vogal	171	46	217
%	79%	21%	
Oclusiva/plosiva	143	341	484
%	30%	70%	
Nasal	71	103	174
%	41%	59%	
Fricativa	33	79	112
%	29%	71%	
Lateral	13	3	16
%	81%	19%	
Vibrante	2	0	2
%	100%	0%	KNOCKOUT
Total das ocorrências	527	591	1118
Total (%)	47%	53%	

Assim, a partir da tabela 4, notamos que, embora os resultados gerais mostrem-se altos para um não-O nas consoantes (desconsiderando o final absoluto e a vogal), as oclusivas, nasais e laterais mostraram-se altas para a aplicação da regra de apagamento com 30%, 41% e 81%, respectivamente, enquanto o percentual maior nas variantes não-O corresponde a 71% no modo de articulação das fricativas.

Esses resultados, em uma análise mais geral, parecem apontar o traço não-contínuo como não inibidor do apagamento. As consoantes contínuas (fricativas), exceto as laterais e as africadas que não foram levantadas neste estudo,⁹ tendem a inibir o apagamento e as não-contínuas (oclusivas e nasais) apontam o favorecimento da regra.

⁹ Valeria a pena investigar o que houve nesse caso, porém nesse estudo não pretendemos nos estender.

A conservação em frente às contínuas, e, de maneira especial perante as fricativas pode ser decorrência de algum esforço do falante, com a finalidade de traduzir que ali há dois fonemas distintos, apesar de ambos serem contínuos e partilharem do mesmo modo de articulação:

Fala de informante **D**:

Ali na Beira-mar sul né?

Pra ver se eu queria

devia ter feito uma administração

No que toca ao apagamento diante das não-contínuas, uma possível implicação é o fato de haver fonemas em cuja articulação existe diferença em relação à passagem da corrente de ar, o que demandará do falante passar de uma realização contínua à outra.

Fala de informante **C**:

naquele tempo era melhor porque meu pai tinha rede, compreende?

Daqueles balaio para trazer peixe

Eu fui andar com cinco anos

É comum se estudar os fones de um dado enunciado para conferir se exercem influência uns sobre os outros. Avaliamos a vogal anterior que se situa à esquerda, especialmente pelo fato de ser uma vogal, ou seja, um elemento que oferece significativa sonoridade. Considera-se para este grupo de fatores denominado vogal anterior a altura e recuo da língua, assim como o grau de abertura da boca, desta forma, analisa-se este grupo verificando-se a articulação das sete vogais: /α/, /ε/, /E/, /ʌ/, /o/, /□/ e /ʊ/. Os fatores analisados para este grupo foram: alta anterior, alta posterior, média anterior fechada, média anterior aberta, média posterior fechada, média posterior aberta, central baixa.

Tabela 5
Ocorrência de róticos de acordo com a vogal anterior

VOGAL ANTERIOR	O	X	P	h	TOTAL
/α/	249	2	37	93	381
%	65%	1%	10%	24%	
/E/	29	3	5	39	76
%	38%	4%	7%	51%	
/ε/	162	4	38	79	283
%	57%	1%	13%	28%	
/ʌ/	50	2	5	27	84
%	60%	2%	6%	32%	
/□/	5	2	9	15	31
%	16%	6%	29%	48%	
/o/	32	1	95	102	230
%	14%	0%	41%	44%	
/ʊ/	0	0	6	27	33

%	0%	0%	18%	82%	KNOCKOUT
Total das ocorrências	527	14	195	382	1118
Total (%)	47%	1%	17%	34%	

Como podemos notar na tabela 5, as vogais precedentes que mais propiciaram o apagamento da variante [O] foram as vogais: vogal central baixa /α/ com 65% das ocorrências, a vogal média anterior fechada /ε/ com 57% e a vogal alta anterior /ι/ com 60%. Para a variante fricativa glotal [h], a vogal média anterior aberta /E/ com 51% e a vogal média posterior aberta /□/ com 48% das ocorrências e para o tepe alveolar [P] a incidência mais alta foi para a vogal média posterior fechada /o/ totalizando em 41%. A realização fonética decorrente da aplicação dessa variável específica na posição de coda está representada em (12), (13) e (14).

(12) vogal anterior [a]: [σΕ∪καO] (13) vogal anterior [o]: [σα∪βoP] (14) vogal anterior [E]: [∪πEητ∪]

δ		δ	
/	\	/	\
O	R	O	R
	N		N C
x	x	x	x
σ	ε	κ	α O

δ		δ	
/	\	/	\
O	R	O	R
	N		N C
x	x	x	x
σ	α	β	o P

δ		δ	
/	\	/	\
O	R	O	R
	N C		N
x	x	x	x
π	E	η	τ ∪

As variáveis sociais estudadas neste trabalho foram: grau de escolaridade e faixa etária, uma vez que todos os informantes são do sexo masculino não pudemos observar a variável social sexo.

O grupo de fatores grau de escolaridade mostrou a mesma aplicação da regra de apagamento da variante [O] para os informantes que apresentavam instrução primária e superior (47%), o que já aponta para um uso mais frequente dessa regra em Florianópolis. Não houve nenhuma diferença de desempenho entre os informantes das séries iniciais e do ensino superior quanto a essa regra. Esse resultado não confirma o que alguns estudos atestam sobre o período escolar. Talvez, uma hipótese é a de que a escola incentivaria o uso dessas variantes, por serem mais prestigiadas. Assim, quanto mais tempo o falante frequentar a escola, mais conservará a variável preenchida, pois reconhecerá a presença desse elemento fônico ao final de vocábulo. A partir da análise desta pesquisa, observamos que em Florianópolis, talvez essa regra de apagamento não seja mais tão estigmatizada entre os homens, mas precisaria ser realizada uma nova pesquisa com um número maior de informantes. Podemos conferir esse dado na tabela 6:

Tabela 6

Ocorrência de róticos quanto ao grau de escolaridade

NÚMERO DE SÍLABAS	O	X	P	h	TOTAL
séries iniciais (primário) = i	194	9	68	142	413
%	47%	2%	16%	34%	
Ensino Superior = s	333	5	127	240	705
%	47%	1%	18%	34%	
Total das ocorrências	527	14	195	382	1118
Total (%)	47%	1%	17%	34%	

Em relação às outras variáveis, podemos verificar que, igualmente, se assemelham. A realização da fricativa glotal [ŋ] tem o mesmo percentual (34%) para os informantes das séries iniciais e do ensino superior. Só há uma variação no que tange ao tepe alveolar [P] resultando em 16% para os informantes das séries iniciais contra 18% para os informantes do ensino superior. Em nossos resultados, constata-se mesmo índice de apagamento da variante entre os menos escolarizados e mais escolarizados na cidade de Florianópolis, contrariando resultados de estudos do sudeste e também do sul do país.

A hipótese com relação à faixa etária ia ao sentido de que, quanto mais idade tivesse o falante, menos incidência do apagamento da variante apareceria, por julgar que os mais idosos optariam por variantes que assinalam a manutenção. Vejamos na Tabela 7:

Tabela 7

Ocorrência de róticos de acordo com a faixa etária

FAIXA ETÁRIA	O	X	P	h	TOTAL
15 - 40	226	5	12	162	405
%	56%	1%	3%	40%	
41 - 70	194	9	68	142	413
%	47%	2%	16%	34%	
Acima de 70	197	0	115	78	300
%	36%	0%	38%	26%	
Total das ocorrências	527	14	195	382	1118
Total (%)	47%	1%	17%	34%	

O percentual verificado para os mais jovens vai de encontro aos resultados que se acreditava, pois se esperava que os mais jovens, compreendidos entre 15 e 40 anos, aplicassem mais a regra de apagamento da variante [O] já que neste período os falantes desta faixa etária escutam diversos estilos de músicas, dentre essas as populares, assistem aos programas televisivos cuja linguagem, geralmente, é mais informal, ou ainda freqüentam locais onde, em regra, empregam-se formas mais inovadoras. Além disso, acredita-se também que os mais jovens

são mais sensíveis às transformações de maneira geral. Seguindo a tabela, têm-se a faixa etária compreendida entre 41 e 70 anos de idade e acima de 70% anos de idade. Todas as faixas etárias comprovam a hipótese levantada, à medida que os mais jovens aplicam a regra de apagamento da variante [O], os mais velhos seguem a manutenção das formas. Para as demais formas, notamos que, de modo geral, a fricativa glotal [ɣ] é a mais recorrente entre os falantes da cidade de Florianópolis, entretanto observamos ainda, que o tepe alveolar [P] é a variável mais freqüente na fala dos informantes acima de 70 anos. Conseqüentemente, na linha de Furlan (1989) entende-se que, em termos diatópico¹⁰, quanto mais preservada a cultura açoriana na localidade, maiores são as chances de suceder a variante tepe em detrimento das fricativas, visto que a variante tepe é a variante típica do português europeu.

6 Considerações finais

As variantes dos róticos em posição de coda (contexto final e medial de palavra) encontradas nos dados foram: o tepe alveolar [P], a fricativa velar [X], a fricativa glotal [h] e o zero fonético ou apagamento [O], que se constitui a variante mais produtiva dentre os dados, correspondendo a 47% dos dados analisados em relação às demais.

Ressaltamos que após realizarmos análise de outros estudos referente aos róticos e escutarmos alguns informantes, verificamos algumas tendências no falar do “manezês” que os aproximam de outros falares do país, como: o apagamento em posição final é mais forte do que em posição medial, o que corrobora os resultados encontrados por CALLOU, MORAES E LEITE (1996) e MONARETTO (1997, 2002). Dentre os fatores lingüísticos, no que diz respeito a posição final de sílaba interna, o percentual de apagamento do rótico [ø] é muito baixo em relação às outras posições, resultando em 2%, enquanto a fricativa glotal prevaleceu com 69%. Entretanto nas demais posições, como podemos constatar, o apagamento do rótico predomina com 84% na posição final absoluto; 77% em final de palavra seguida de consoante e 79% em posição intervocálica (palavras diferentes). Em relação à tonicidade, nota-se que há predominância da fricativa glotal [h] na fala dos florianopolitanos quando o erre é átono resultando em 68% contra 4% de apagamento, porém quando este é tônico há um favorecimento para a variável apagamento. Constata-se, ainda, que quanto ao número de sílabas as palavras

¹⁰ A variação lingüística geográfica ou diatópica, conforme Ilari & Basso (2006. p. 157), é compreendida pelas diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países.

paroxítonas e proparoxítonas tendem a desfavorecer a manutenção da variável apagamento [ø], enquanto que as palavras oxítonas a favorecem. Acredito que o percentual para as oxítonas tenha sido tão relevante para a variável apagamento [ø], uma vez que não se observou o grupo de fatores classe de palavras. Ainda em relação ao número de sílabas, a variável fricativa glotal [h], bem como o tepe alveolar [P] são mais recorrentes em palavras paroxítonas 68% e 28% respectivamente. Através do estudo da variável ponto de articulação da consoante seguinte obteve-se, respectivamente, 43% de apagamento do rótico [ø] para as labiodentais e bilabiais. As alveolares apresentaram resultado elevado favorecendo a realização da fricativa glotal [h] com 66% e 34% para o rótico apagado [ø]. Dentre as demais é em final absoluto de palavra e vogal que se verifica favorecimento do apagamento. As palatais localizam-se numa faixa próxima da neutralidade tal quais as glotais. O modo de articulação da consoante seguinte foi estabelecido também em rodadas binárias, onde compreendemos as variantes como apagada [ø] e não-apagada: /h/, /X/ e /P/. Assim, notamos que, embora os resultados gerais mostraram-se altos para um não-ø nas consoantes (desconsiderando o final absoluto e a vogal), as oclusivas, nasais e laterais mostraram-se altas para a aplicação da regra de apagamento com 30%, 41% e 81%, respectivamente, enquanto o percentual maior nas variantes não-ø corresponde a 71% no modo de articulação das fricativas. Já em relação à variável vogal anterior, as que mais propiciaram o apagamento do rótico [ø] foram: a vogal central baixa /a/ com 65% das ocorrências, a vogal média anterior fechada /e/ com 57% e a vogal alta anterior /i/ com 60%. Para a manutenção da variante fricativa glotal [h], a vogal média anterior aberta /E/ (51%) e a vogal média posterior aberta /□/ (48%) e para a manutenção do tepe alveolar [o] a incidência mais alta foi para a vogal média posterior fechada /o/ totalizando em 41%.

No que tange os fatores sociais, o grau de escolaridade não confirma o que alguns estudos atestam sobre o período escolar, pois mostrou a mesma aplicação da regra de apagamento [ø] para os informantes que apresentavam instrução primária e superior (47%), o que já aponta para um uso mais freqüente dessa regra em Florianópolis. A partir da análise deste, observamos que em Florianópolis, talvez essa regra de apagamento não seja mais tão estigmatizada entre os homens. A hipótese com relação à faixa etária ia ao sentido de que, quanto mais idade tivesse o falante, menos incidência da variável apagamento apareceria, por julgar que os mais idosos optariam por variantes que assinalassem a manutenção. Desse modo, as faixas etárias analisadas comprovam a hipótese levantada, à medida que os mais jovens aplicam a regra de apagamento

[ø], os mais velhos seguem a manutenção das formas. Para as demais formas, notamos que, de modo geral, a fricativa glotal [h] é a mais recorrente entre os falantes da cidade de Florianópolis, entretanto observamos ainda, que o tepe alveolar [P] é a variável mais freqüente na fala dos informantes acima de 70 anos, o que ratifica, em termos diatópico, Furlan (1989).

Enfim, acreditamos estar vivenciando um processo de mudança também na fala florianopolitana (do /r/ anterior para posterior), como também outros autores (cf. Callou et al., 1996; Monaretto, 2002) assinalam para o PB, visto que os resultados gerais desta pesquisa apresentam 35% de uso das fricativas (glotal e velar) e 17% de uso do tepe. E ainda destaca-se o alto percentual (47%) de uso do apagamento da variante [O].

7 Referências Bibliográficas

- BISOL, Leda. Introdução a estudos de fonologia do português. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRZS, 1996.
- CALLOU, D. & LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e Fonologia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- CALLOU, Dinah Maria Isensée et al. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (org.). **Gramática do português falado**. v. VI, 465-493. Campinas, UNICAMP, 1996.
- _____; MORAES, J.; LEITE, Y. **Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real**. D.E.L.T.A., v. 14, n. esp., p. 61-72, 1998.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CLEMENTS George N.; HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John [org.] **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell. 1995, p. 245-306.
- DA HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela. **Teoria Lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003, p. 181-199.
- HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRZS, 1996, p. 09-93.
- ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

- KENT, Ray; READ, Charles. *The Acoustic Analysis of Speech*. San Diego: Singular Publishing Group Inc., 1992, p. 121.
- LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.
- LADEFOGED, Peter. & MADDIESON, Ian. **The sounds of the world's languages**. Cambridge: Blackwell, 1996, p. 46-245.
- MIRA MATEUS, Maria Helena & RODRIGUES, Celeste. *In: DA HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela. Teoria Lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003, p. 181-199.
- MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira; QUEDNAU, Laura Rosane & DA HORA, Dermeval. *In: BISOL, Leda. Introdução a estudos de fonologia do português*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRZS, 1996, p. 205-246.
- MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica**. Porto Alegre, 1997. Tese (Doutorado em Letras). PUC/RS.
- _____. **O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.
- _____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. *In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org). Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EdPUCRS, 2002. p. 253-268.
- MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. A influência da etnia na vibrante catarinense. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFSC, 8. Anais do VIII Seminário de Iniciação Científica da UFSC: caderno de resumos*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998. p. 330.
- SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2004.
- VOTRE, Sebastião Josué. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro**. 1978. Tese (Doutorado), Rio de Janeiro, PUC-RJ, 1978.
- WIKIPEDIA, Manezês. Disponível em <http://www.wikipedia.org/>. Acesso em 07 de dezembro de 2007 às 17h.